

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas

FERNANDA ALVES FARIAS

Além da superfície: uma análise da percepção de sublimação e depreciação em “Eu era mudo e só” de Lygia Fagundes Telles.

BRASÍLIA

2023

FERNANDA ALVES FARIAS

Além da superfície: uma análise da percepção de sublimação e depreciação em “Eu era mudo e só” de Lygia Fagundes Telles.

Trabalho de conclusão de curso de graduação da Universidade de
Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Victor Rocha Pinezi

BRASÍLIA

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo suporte e apoio, que me permitiram desenvolver a graduação com foco e tranquilidade. Ao meu namorado, Léo Abaad, que trouxe mais leveza ao processo, apoiando-me em todos os momentos. Aos meus amigos e companheiros de curso, principalmente Luísa Araújo, que passou pelo pela graduação comigo, sempre me auxiliando e dividindo o peso de seu desenvolvimento. À minha melhor amiga, Ana Clara, que, mesmo distante, nunca deixou de estar presente e acompanhar a realização deste sonho.

RESUMO

O presente artigo analisa o conto “Eu era mudo e só” (1958) de Lygia Fagundes Telles, buscando compreender como se desenvolve a percepção de amor ao longo da obra. Tendo como referencial teórico os psicanalistas Sigmund Freud e Jacques Lacan, é explorado o desenvolvimento da relação entre os personagens Manuel e Fernanda, analisando a mudança de perspectiva ao longo do relacionamento, desde o início da relação até o casamento consumado, visando a percepção e compreensão dos conceitos de Sublimação e Depreciação ao longo da obra. São observados, também, os eventos vividos e os efeitos gerados, a fim de compreender como se dá a depreciação nas relações e quais aspectos sugerem falhas na instituição casamento e geram a concepção de relacionamento como uma prisão. A partir da análise, busca-se um caminho além da visão freudiana entre amor e desejo.

PALAVRAS-CHAVE: Lygia Fagundes Telles; Sublimação; Depreciação; Amor; Casamento.

ABSTRACT

This article analyzes the short story “Eu era mudo e Só” (1958) by Lygia Fagundes Telles, seeking to understand how the perception of love develops throughout this body of work. Having psychoanalysts Sigmund Freud and Jacques Lacan as a theoretical reference, the development of the relationship between the characters Manuel and Fernanda is explored, analyzing the change in perspective throughout the relationship, from the beginning until the consummated marriage, aiming at the perception and understanding of the concepts of Sublimation and Depreciation in the work. The events experienced and the effects generated are also observed, in order to understand how depreciation occurs in relationships and which aspects suggest flaws in the institution of marriage, generating the conception of relationships as a prison. Based on the analysis, a path beyond the Freudian splitting of love and desire is sought.

KEYWORDS: Lygia Fagundes Telles; Sublimation; Depreciation; Love; Marriage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
A representação de amor em “eu era mudo e só”	8
Além da superfície: a sublimação no relacionamento	8
Mudança de perspectiva: a depreciação no amor	10
Além da dicotomia freudiana	14
Considerações finais	16
Referências	17

INTRODUÇÃO

O amor é tema frequente de obras literárias, mudando de perspectiva de acordo com a estética e o contexto social. Lygia Fagundes Telles, escritora contemporânea, membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras, abordou esse tema a partir de diferentes concepções ao longo de sua carreira. Nesse sentido, as obras podem refletir vivências e percepções da época em que foram escritas. Sampaio (2017) ressalta o caráter intimista dos textos lygianos, que refletem impasses humanos a partir de uma linguagem fortemente conotativa e metafórica, servindo-se do imaginário e da fantasia para abordar os conflitos da vida.

Para este estudo, foi selecionado o conto “Eu era mudo e só” (1958), que retrata, a partir da perspectiva masculina, um casamento de aparências vivido por Fernanda e Manuel. Antônio Dimas, no posfácio de *Antes do baile verde* (2009), discorre a respeito da construção dos contos de Telles, em que a situação inicial é sempre em foco pequeno, em surdina, em espaço restrito e íntimo, que, quando menos se espera, surpreende o leitor com sua profundidade (TELLES, 2009, p. 130).

O texto se passa durante uma conversa do casal e, em dados momentos, tem-se um intenso fluxo de consciência, em que memórias e devaneios de Manuel são apresentados. Desse modo, a história do casal e suas experiências são exibidas para o leitor a partir da perspectiva de Manuel, que, inicialmente, apresenta uma visão idealizada e sublimada da amada. O foco deste artigo é compreender e analisar a percepção de amor apresentada no conto, tal qual como a percepção sobre o companheiro se altera ao longo do relacionamento.

A esposa, apesar de representar o ideal de mulher da época, é descrita pelo marido, após o matrimônio, como controladora. Com base nessas descrições, é possível perceber questões matrimoniais presentes na sociedade e uma alteração na perspectiva, agora depreciada, de Manuel sobre Fernanda.

O conto selecionado retrata processos característicos das relações humanas, portanto, a partir de uma perspectiva freudo-lacianiana, busca-se identificar representações dos conceitos de sublimação e depreciação na obra de Telles, a fim de elaborar uma análise aprofundada e compreender a representação de amor e como esses conceitos se relacionam às falhas percebidas na instituição casamento. Desse modo, pretende-se encontrar um caminho além da cisão freudiana entre amor e desejo e analisar como essa possibilidade se apresenta no conto da escritora contemporânea.

A representação de amor em “eu era mudo e só”

O conto “Eu era mudo e só” (1958) encontra-se no livro *Antes do baile verde*, que reúne narrativas escritas por Lygia Fagundes Telles entre 1949 e 1969. Telles, em diversas obras, utiliza metáforas e linguagem conotativa como recurso para desvendar e explicitar vivências e angústias humanas. Com obras marcadas por um intenso fluxo de consciência, a autora caminha por temas diversos, por vezes, dentro de um mesmo conto.

Em “Eu era mudo e só”, Telles aborda, a partir de devaneios e memórias, a percepção de Manuel sobre o seu casamento. O amor é tema frequente nos contos da autora, mas nem sempre a partir de uma idealização romântica. Aqui, Telles retrata um casamento de aparências, marcado pela monotonia. O conto, narrado por Manuel, o marido, retrata a noite de um casal que está junto há 12 anos. A cena varia entre a conversa com Fernanda e devaneios do homem, que ora relembra momentos vividos, ora sonha com a sua liberdade. A partir da descrição da cena, das características, dos devaneios e de suas memórias, é possível elaborar a imagem do casamento em questão e deduzir certas informações. Telles aborda, ao longo do texto, o casamento, o amor, o desejo de liberdade e como tais temas se relacionam.

A percepção de Manuel sobre Fernanda se altera conforme o relacionamento avança. Antes do casamento, a mulher é definida como sensível, generosa, que jamais pensaria em interferir na vida do marido, e ele nem mesmo admitira (TELLES, 2009, p. 102). No trecho, é perceptível que Manuel possuía uma voz ativa, expressava seu desejo e não pretendia ser controlado. Com o desenrolar da história, percebe-se como tal expectativa foi frustrada, mesmo que ainda enxergue a esposa como uma mulher exemplar, uma representação do ideal de mulher da época. A partir de um forte fluxo de consciência, Manuel vaga por diferentes memórias, que explicam como o casamento chegou ao ponto vivido.

Além da superfície: a sublimação no relacionamento

Durante o jantar em que conheceu os pais de Fernanda, o sogro sugere que Manuel abandone o emprego como jornalista e passe a trabalhar com ele na firma de máquinas agrícolas. Manuel não se agrada com a ideia, mas, resignado, parece se distanciar da cena vivida: “A música, o conhaque, o pai e a filha, tudo, tudo era da melhor qualidade, impossível

mesmo encontrar lá fora uma cena igual, uma gente igual. Mas gente para ser vista e admirada do lado de fora, através da vidraça.” (TELLES, 2009, p. 105).

Tem-se, nesse trecho, a representação da sublimação, conceito trabalhado por Freud, que recebeu, mais tarde, contribuições de Lacan. Em sua tese de doutorado, Torezan desenvolve uma perspectiva freudo-lacaniana desse conceito. Lacan afirma que a sublimação eleva um objeto à dignidade da Coisa, sendo “a Coisa”, para Freud:

o objeto perdido, embora nunca realmente possuído a não ser miticamente, e que deve ser reencontrado. Um reencontro, portanto, impossível de se dar, mas é em função desta infundável busca pela Coisa, comandada pelo princípio do prazer, que se forma a rede das representações através dos caminhos da memória (TOREZAN, 2009).

Para Torezan (2009), na definição lacaniana, o processo sublimatório reproduz, em alguma medida, o engano que existe ao redor da Coisa enquanto o objeto mítico da completude e, ao mesmo tempo, atesta a importância deste objeto não por sua existência concreta, mas sim pela presença da mais pura falta, o que permite que o real ganhe forma no ato criativo.

Nessa memória, Manuel sublima não só Fernanda, mas a família e a vivência, distanciando-se da cena e do momento, contemplando-os com admiração ao mesmo tempo que os afasta, o que fica explícito ao mencionar a beleza, mas que deve ser admirada através de uma vidraça. Esse movimento do personagem pode ser percebido, também, em outros momentos da obra, como quando, no início do conto, define a esposa como algo vago, imaterial, celestial, comparando-a a um cartão postal.

A sublimação, para Freud, funciona como um substituto para a atividade sexual, promovendo satisfação pulsional sexual por meio de alvos e objetos não sexuais, sendo, então, um dos destinos da pulsão sexual. O sexual diz respeito ao encontro com o Outro, assim, a sublimação explica as produções culturais como algo possível frente à recusa do sexual: o sexual não se ausenta da sublimação, e a libido é redirecionada através do ideal de eu para novos objetos socialmente valorizados. (TOREZAN, 2009)

Nessa perspectiva, Telles, ao longo da obra, apresenta a percepção de Manuel sobre a esposa baseada em obras de arte. Já no primeiro parágrafo, o marido, ao observá-la, a define como “o mais belo postal da coleção Azul e Rosa”. A cor azul é mencionada diversas vezes no trecho, estando presente no roupão, nas flores da chinela e na cor que o marido imagina ter o sabonete usado pela esposa, o azul remete à espiritualidade, ao celestial – que é o adjetivo usado para definir a mulher –, reforçando a imagem que Manuel constrói de Fernanda.

O personagem comenta, ainda, que colecionava postais quando menino. Tal comparação permite a percepção de uma sublimação ainda mais clara, tendo em vista que não apenas compara a imagem da mulher, mas também a iguala ao objeto que colecionava quando menino.

Os dedos de Fernanda são descritos como “tipo Gioconda”, obra de Leonardo da Vinci. Para além das comparações, Manuel apresenta obras que retratam a personalidade de Fernanda e sua percepção sobre ela, definindo-a como exigente: “Poesia mesmo, só a de T. S. Eliot. Música, só a de Bach, ‘Pronuncia-se Barh’, ensinou afetadamente ainda ontem para Gisela. Só lê literatura francesa, ‘Ih, o Robbe-Grillet, a Sarraute’ ... Como se tivesse há pouco tomado um café com eles na esquina.” (TELLES, 2009, p. 104). Tem-se, assim, não só a percepção sobre a esposa, mas sobre a burguesia da época e a valorização de obras internacionais, que tinham, nesse período, um acesso restrito. Pelo tom, percebe-se que Manuel se vê distante dessa realidade, como se não fosse parte dela. Porém, é exatamente por estar distante dela que ele a valoriza, uma vez que, na estrutura da sublimação, o prazer sexual é atingido precisamente por meio da imposição de uma distância.

Em contrapartida, no início da obra, quando menciona a tia Vicentina, o personagem se mostra satisfeito por fazer parte de tal realidade, orgulhoso de sua sala que parece saída de uma revista da arte de decorar, vivendo bem-vestido, bem barbeado e bem casado, com uma esposa “divina-maravilhosa” (TELLES, 2009, p. 101). Telles torna perceptível, assim, o quão baseado em aparências era o casamento, em que o marido, mesmo insatisfeito com o matrimônio (e distante sexualmente), sente orgulho de ostentar a relação de doze anos.

Mudança de perspectiva: a depreciação no amor

É perceptível que Manuel, inicialmente, possuía outra visão sobre Fernanda e sobre o matrimônio. Antes do casamento e ainda com uma visão sublimada da esposa, o homem encontra o amigo Jacó, que está casado. A partir do entendimento do amigo sobre o matrimônio, Lygia apresenta uma visão diferente sobre as relações.

Manoel não compreende por que, mesmo casado com a mulher que amava, Jacó parece infeliz. O amigo afirma que, após o casamento, as amizades não permanecem as mesmas e, assim, há dois caminhos possíveis:

Ou a mulher fica aquele tipo de amigona e etcetera e tal ou fica de fora. Se fica de fora, com a famosa sabedoria da serpente misturada à inocência da pomba, dentro de um tempo mínimo conseguirá indispor a gente de tal modo com os amigos que quando menos se espera estaremos distantes deles as vinte mil léguas submarinas. No outro caso, se ficar a tal que seria nosso amigo se fosse homem, acabará gostando tanto dos nossos amigos, mas tanto que logo escolherá o melhor para se deitar. Quer dizer, ou vai nos trair ou chatear. Ou as duas coisas (TELLES, 2009, p. 102).

A partir da perspectiva de Jacó, pode-se abordar outro conceito da psicanálise, definido por Freud como “A mais comum depreciação na vida amorosa”. Esse conceito descreve a cisão psíquica, no neurótico, entre amor e pulsão. Em *Contribuições à psicologia do amor II* (1996), Freud aborda a perturbação mais frequente a levar as pessoas à psicanálise, sendo, fora as formas de ansiedade, a impotência psíquica.

Esse fato se apresenta de maneiras diferentes de acordo com o gênero. Para Freud, as mulheres sofrem influência de um efeito residual de sua educação devido à criação feminina; as meninas são frequentemente repreendidas sexualmente, sendo, muitas vezes, incapazes de desfazer a conexão entre a atividade sensual e a proibição, o que as torna psiquicamente impotentes quando tal atividade é permitida. Conseqüentemente, visando a sua atividade plena, há uma tendência à busca por relações secretas para que a condição de proibição se restabeleça, sendo, portanto, infiéis aos seus maridos. Tal definição é reproduzida no discurso de Jacó, que reafirma a cisão freudiana entre amor e desejo, retratando como a depreciação pode ser percebida na vivência feminina, resultando, então, em traição (FREUD, 1996, p. 107).

Quanto à vivência masculina, Freud afirma que a impotência se dá devido à falha na combinação entre a corrente afetiva e a corrente sensual, resultado de uma fixação incestuosa na mãe ou na irmã que nunca foi superada. Isso desempenha um papel importante no material patogênico e constitui o seu conteúdo mais universal. Assim, quando amam, não desejam, quando desejam, não amam. Nessa perspectiva, a principal medida protetora contra essa perturbação é a depreciação do objeto sexual, pois, assim, a sensualidade pode se expressar livremente, quando não, a ideia de sensualidade só pode ser encontrada “fora” da relação (FREUD, 1996, p. 110).

O texto de Telles retrata a depreciação feita por Manuel em relação a Fernanda, o que pode ser interpretado como uma representação de tal teoria freudiana. Nesse sentido, até mesmo as características positivas de esposa, que remetem ao ideal de mulher da época, soam negativas, gerando, em dados momentos, culpa no personagem, como pode ser percebido no trecho:

Ela sabe o que costume e o que não costume. Sabe tudo porque é exemplar e a esposa exemplar deve adivinhar. Mordisco o lábio devagarinho, bem devagarinho até a dor ficar quase insuportável. Adivinhar meu pensamento. Sem dúvida ela chegaria um dia a esse estado de perfeição. E nessa altura eu estaria tão desfibrado, tão vil que haveria

de chorar lágrimas de enternecimento quando a visse colocar na minha mão o copo d'água que pensei em ir buscar (TELLES, 2009, p. 102),

Neste trecho, vemos que a preocupação em buscar o copo d'água revela, na realidade, uma esposa atenciosa e preocupada com as necessidades do marido. Torna-se clara, também, a mudança da percepção de Manuel sobre a esposa, que agora já não é mais positiva. Anteriormente vista como sensível e generosa, agora é descrita com um ar controlador, que parece sufocar o marido. Não há, porém, comprovação palpável para a personalidade que Manuel atribui à esposa, os diálogos do conto são pontuais e superficiais, boa parte do texto é composta pelos devaneios do homem; desse modo, o que é apresentado sobre a personalidade da mulher é permeado pela imagem construída por ele.

Ao conversarem sobre a falta de contato com Jacó, Fernanda afirma que é como se o amigo tivesse morrido mesmo, o que desperta uma reflexão em Manuel: “nesse instante exato eu gostaria que ela estivesse morta. Irremediavelmente morta e eu chorando como louco, chorando desesperado porque a verdade é que a amava, mas era verdade também que fora uma solução livrar-me dela assim. Uma morta pranteadíssima. Mas bem morta.”.

Porém, quando Fernanda o chama de volta para a realidade, preocupada com o cansaço do marido, a culpa se manifesta: “Ergo o olhar até Fernanda. A mãe de minha filha. Minha companheira há doze anos, pronta para ir buscar aspirina se a dor é na cabeça, pronta para chamar o médico se a dor é no apêndice. Sou um monstro.” (TELLES, 2009, p. 103). Aqui, é perceptível que a maternidade de Fernanda é um fator relevante para o surgimento da culpa, respaldando novamente a teoria freudiana a respeito da falha na combinação entre a corrente afetiva e a corrente sensual, gerada pela fixação incestuosa na mãe ou na irmã que nunca foi superada. Desse modo, a supervalorização é reservada para os objetos incestuosos e seus representantes. Por isso, ao cogitar a morte da mãe de Gisela, Manuel sente-se um monstro.

A representação do cartão postal aparece de forma ambígua, podendo ser associada tanto à sublimação, no início do texto, quanto à depreciação, sendo um reflexo claro da mudança de percepção de Manuel sobre a esposa, tendo em vista que, antes, compará-la a um postal estava associado a algo belo, celestial, e agora, trata-se de uma prisão. Tal percepção fica clara quando o personagem, mais adiante no diálogo com a esposa, ao admirá-la, cogita transformá-la em um cartão postal como meio de alcançar a liberdade:

Ela então inclinou a cabeça sob o halo redondo do abajur e começou a ler. Que quadro! Se tivesse um grande cão sentado aos pés dela, um são-bernardo, por exemplo, a cena então ficaria perfeita. Mas mesmo sem o cachorrão peludo o quadro está tão bem-composto que não resisto de olhos abertos. Guardo o postal no bolso.

Fernanda ficou impressa num postal, pronto, posso sair de cabeça descoberta e sem direção, ninguém me perguntou para onde vou nem a que horas devo voltar e se não quero levar um pulôver (TELLES, 2009, p. 106).

Para além disso, Manuel se mostra satisfeito em conseguir a liberdade assim, sem precisar de amantes ou uma morte, sendo o primeiro meio para alcançar a liberdade, novamente uma marcante representação da teoria freudiana.

Nesse momento, a liberdade de Manuel é associada ao mar, pois o primeiro pensamento após prender a esposa em um cartão postal é navegar delirante rumo ao cais. Pode-se pensar no contraste entre as vivências, tendo em vista que o homem enxerga o casamento como algo monótono, uma experiência regulada pelo olhar duplo de Fernanda, que nota e busca controlar qualquer mínima variação, o que é o extremo oposto do mar, que é incontrolável e surpreendente, podendo variar em segundos. Por fim, mais uma vez o marido é puxado de volta para a realidade pela voz de Fernanda, que lhe pede para fechar a janela. Nesse parágrafo, Manuel menciona o vento no mar como representação de liberdade, o pedido de Fernanda corta até mesmo o vento vindo da janela, o que retrata como, no imaginário do personagem, a esposa limita e controla tudo o que está associado à libertação. Manuel percebe, assim, que também está preso no postal (TELLES, 2009, p. 106).

Tal representação ilustra a mudança da percepção de Manuel sobre o matrimônio e a sua frustração quanto a idealização do relacionamento. Voltando à conversa com Jacó, o amigo afirma em outro momento que “se é difícil carregar a solidão, mais difícil ainda é carregar uma companhia. A companhia resiste, a companhia tem uma saúde de ferro! Tudo pode acabar em redor e a companhia continua firme, pronta a virar qualquer coisa para não ir embora, mãe, irmã, enfermeira, amigo...” (TELLES, 2009, p. 102). Essa fala reflete a situação vivida por Manuel, que busca, de todo modo, libertar-se da esposa, até mesmo por meio de seus devaneios, entretanto, ela continua ali e puxa-o de volta para a realidade.

Em mais um devaneio, Manuel reflete sobre como a vivência é transformada pelo meio em que vive, marcada “pelo hábito de rir sem vontade, de chorar sem vontade, de falar sem vontade, de fazer amor sem vontade...”. Tal reflexão se dá quando Fernanda menciona a filha, Gisela, uma criança definida pelo pai como uma pequenina burguesa preocupada com a aparência. Pensar nas características da filha leva Manuel à percepção de sua realidade como algo cíclico: “Era o círculo eterno sem começo nem fim. Um dia Gisela diria à mãe qual era o escolhido. Fernanda o convidaria para jantar conosco, exatamente como a mãe dela fizera comigo.” (TELLES, 2009, p. 104).

A reflexão de Manuel leva ao entendimento de que sua realidade será, em breve, a realidade de outro homem, que será, também, adaptável e frustrado, descrito por Manuel como alguém que

entra numa sala azul fica azul, numa vermelha, vermelho. Um dia se olha no espelho, de que cor eu sou? Tarde demais para sair porta afora. E desejando, covarde e miseravelmente desejando que ela se volte de repente para confessar, “Tenho um amante”. Ou então que, em vez de enfiar a espátula no livro, enterre-a até o cabo no coração (TELLES, 2009, p. 104).

Fica explícita, assim, a percepção do casamento como uma estrutura falida, em que o indivíduo abandona a sua individualidade de tal modo que para de se reconhecer, mas, em contrapartida, se vê incapaz de se desvencilhar de tal instituição, estando fadado a carregar uma companhia, aguardando ansiosamente um erro da outra parte que funcione como meio de libertação. Manuel imagina que o casamento é o que lhe limita, lhe prende, entretanto, ao conhecer os pais de Fernanda, durante a conversa com o sogro, o homem já se mostrava oscilante, não tinha certeza do que pretendia fazer; assim, cogita escapar, chegando até mesmo a idealizar uma fuga, mas se acovarda, movimento que se repete ao longo do conto.

A ideiação de fuga se relaciona, também, a uma questão própria da relação amorosa, em que o que se deseja é o desejo do Outro, que só se manifesta quando estão apartados; desse modo, há uma busca por se afastar para poder desejar novamente. No conto, a construção do personagem masculino manifesta a sua covardia, que está presente desde antes do matrimônio; assim, por mais que deseje a libertação e deseje se distanciar, aguarda um ato do próximo. O dilema de Manuel é, portanto, o da oblatividade.

Além da dicotomia freudiana

Há, no conto, indícios do que pode ter causado a falência da relação, desde o momento em que Manuel acata a sugestão do sogro sobre mudar de emprego, até quando desiste de tomar um chopp devido aos possíveis questionamentos de Fernanda — que não chegam a ser confirmados devido à superficialidade das falas da esposa, estando presentes apenas no imaginário do personagem —, o que pode estar relacionado aos conceitos aqui desenvolvidos. A sublimação inicial da relação gera, ao se deparar com a realidade, uma quebra intensa. Tal frustração é intensificada com o desenrolar da relação, quando se desenvolve a mais comum depreciação na esfera amorosa, descrita por Freud, que pode ser percebida em diversos

momentos do conto, tanto nas ações de Manuel para Fernanda quanto na sua percepção sobre si.

Há, portanto, outro caminho além da cisão entre amor e desejo? É perceptível que Manuel, no início do relacionamento, amava Fernanda, enxergava suas características boas e as valorizava. Entretanto, o modo de se relacionar e as falhas da instituição casamento levam ao fracasso do relacionamento, deixando até mesmo tal amor oculto. A representação do amor em “Eu era mudo e só” é bastante pessimista: Manuel, a partir de certo ponto da relação, passa a valorizar apenas a imagem sublime que construiu de Fernanda, mas deprecia a mulher real, desejando até mesmo a sua morte.

A superficialidade aparente do diálogo contrasta com as reflexões desenvolvidas a partir dele, como Fernanda, ao mencionar a foto tirada da borboleta, que capturou até a sombra da asa, desencadeia a reflexão de Manuel: “E se não vê a sombra das minhas asas é porque elas foram cortadas” (TELLES, 2009, p. 101). Apesar de ser um verso simples, inicia a reflexão intensa que se desenvolve ao longo do conto, em que o marido aborda a liberdade com desejo e melancolia, pois, assim como a borboleta que perdeu as suas asas, ele perdeu a liberdade.

As falas de Fernanda parecem trazer Manuel de volta para a realidade. O homem menciona, ao final do texto, a alegria simples de sair em silêncio para visitar um amigo. Tendo em vista a construção do conto e dos diálogos, o título “Eu era mudo e só” pode se tratar de mais uma representação de liberdade para Manuel, um objeto de desejo, já que está sempre sobre o olhar duplo e os questionamentos de Fernanda, o que confirmaria a suposição de Jacó sobre a dificuldade de carregar uma companhia. Assim, apesar de inicialmente o título soar como triste e solitário, para o personagem, representa a libertação, sendo o oposto do que o casamento em que vive, que é considerado, por ele, uma prisão.

Ao final do conto, quando fecha as janelas a pedido de Fernanda, Manuel reflete: “Através do vidro as estrelas me parecem incrivelmente distantes. Fecho a cortina.” (TELLES, 2009, p. 106). Aqui, mais uma vez, o personagem menciona a ideia de um vidro lhe separando de seu objeto de desejo, tal qual o momento em que observava Fernanda e família durante o jantar em que conheceu os sogros. Dessa forma, há, novamente, a representação de sublimação, mas o homem, agora, sublima a sua liberdade, e não a mais o relacionamento.

Lacan, no *Seminário 10* sobre a angústia, afirma que “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (LACAN, 2004, p. 197), isto é, somente o amor permite ao gozo se flexibilizar, se curvar e abrir a possibilidade de manter o desejo vivo a partir de uma experiência do gozar do que não se possui. É isso o que ele discutirá, também, no *Seminário 7* a respeito do amor cortês, aquele em que o cavalheiro extrai a sua alegria sublimando o objeto de desejo —

isso é, gozando com a própria inacessibilidade da mulher amada. Lacan sugere a possibilidade de que algo desloque, transmute, sendo esse algo o amor, sugerindo, assim, outro caminho além da cisão freudiana entre amor e desejo (SIMÕES, 2022). Portanto, a partir de tal perspectiva, apresenta-se uma possibilidade para as futuras relações, um meio de romper o ciclo de casamentos falidos imaginado por Manuel.

Considerações finais

A análise do conto "Eu era mudo e só" de Lygia Fagundes Telles, a partir dos referenciais teóricos de Freud e Lacan, explora a evolução da percepção do amor ao longo do relacionamento. A análise aborda as mudanças na perspectiva dos personagens, desde o início do relacionamento até o casamento. O conto apresenta processos característicos da vivência humana, agindo como um espelho da realidade.

A compreensão dos conceitos psicanalíticos apresentados permite uma análise aprofundada do texto a partir da percepção da história como uma representação da realidade de diversos casamentos. É notável que, antes do matrimônio, tem-se uma representação romântica de amor, marcada pela idealização e sublimação, o que auxilia a compreensão da intensa ruptura ocorrida após a quebra de expectativas provocada pelo casamento. A depreciação, em contrapartida, retrata uma frequente causa para distanciamentos entre casais, que passam a enxergar o casamento como algo negativo, que cerceia a individualidade dos cônjuges, o que gera a busca por uma fuga.

A concepção do amor erotizado como único caminho pode ser considerada um dos motivos para a falência de diversos relacionamentos; desse modo, em busca de uma perspectiva mais otimista sobre os laços amorosos e ratificando a hipótese de Lacan sobre o amor permitir ao gozo condescender ao desejo, é possível considerar um caminho além da cisão freudiana entre amor e desejo, explorando novas perspectivas nas complexidades das relações humanas.

Em "Eu era mudo e só", é notável como a relação se altera com o decorrer do relacionamento. A percepção de Manuel sobre Fernanda muda drasticamente: se antes o homem sublimava a esposa, depois, passa a sublimar a liberdade. A imagem de Fernanda é construída a partir das considerações de Manuel, os atos da mulher são supostos por ele, não há, portanto, confirmação sobre o que a esposa realmente é ou o que deseja.

O conto de Telles representa uma vivência comum em diversos relacionamentos, permitindo a percepção de conceitos psicanalíticos frequentemente presentes nas relações amorosas. Lacan sugere a possibilidade de outro caminho além da cisão freudiana entre amor e

desejo, sendo possível a partir do amor. Apesar de ser esse um meio de romper o ciclo de casamentos falidos imaginado por Manuel, essa não parece ser uma possibilidade de resolução para o casamento que ele vive, em que a falência da relação parece estar relacionada à frustração decorrente das expectativas de Manuel sobre Fernanda e ao modo com o marido constrói a imagem esposa em si.

Referências

DIÓGENES, Samea Rafaela Lopes da Silva. **Entre a sublimação e a degradação: as diferentes faces do amor em Lygia Fagundes Telles**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2019.

FREUD, Sigmund. Sobre A Tendência Universal À Depreciação Na Esfera Do Amor. In: FREUD, Sigmund. **Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910) (Volume XI)**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996, p. 106-115.

LACAN, Jacques. Aforismos sobre o amor. In: LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia (2005)**. Editor Jorge Zahar, 2005, p. 188-201.

SAMPAIO, Rebecca Demicheli. Configuração da mulher leitora em “Eu era mudo e só”, de Lygia Fagundes Telles. **Mafuá**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 27, 2017.

SANTOS, Maria Clara Freitas dos. **Feia, louca e má: o mito da beleza, a descrição de personagens femininas e o ponto de vista narrativo masculino nos contos “Eu era mudo e só”, de Lygia Fagundes Telles, e “O Enforcado”, de Adriana Lisboa**. Orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel Edom Pires, 2023. Monografia (Graduação) - Curso de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

SIMÕES, Alexandre. **O que Lacan quis dizer? # só o amor permite ao gozo condescender ao desejo**. Youtube, 11 de maio 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dhhxRKwLRPE>>. Acesso em: 5 de dezembro de 2023.

TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TOREZAN, Zeila F. **Sublimação, ato criativo e sujeito na psicanálise**. Florianópolis, 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.